



Ministério da Educação
Secretaria de Educação do Distrito Federal
Centro de Formação Continuada de Professores
Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação
Curso de Pós Graduação Lato Sensu em coordenação pedagógica

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PSICANÁLISE: POSSÍVEIS INTERAÇÕES

Priscila de Oliveira Clovandi Vasconcelos

Professora Orientadora

Doutora em Psicologia: Inês Maria M. Z. P.de Almeida

Tutora_Orientadora

Doutora em Educação: Janaína Mota Trindade

Brasília, Dezembro/2015

Priscila de Oliveira Clovandi Vasconcelos

**O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PSICANÁLISE:
POSSÍVEIS INTERAÇÕES**

Monografia apresentada ao programa de Pós Graduação em Coordenação pedagógica da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do título de especialista em coordenação pedagógica, sob a orientação da Professora Inês Maria e Professora tutora Janaína Mota.

Brasília, 2015

TERMO DE APROVAÇÃO

Priscila de Oliveira Clovandi Vasconcelos

O COORDENADOR PEDAGÓGICO E A PSICANÁLISE: POSSÍVEIS INTERAÇÕES

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Professora_Orientadora

Prof^a. Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida UnB/FE

Tutora_Orientadora

Prof^a. Dra. Janaína Mota Trindade

Prof^a Ms. Márcia Milhomens Chauvet

Examinadora externa SEE/DF

Brasília 2015

O sonho representa a realização de um desejo.

Sigmund Freud, 1900.

DEDICATÓRIA

Dedico mais essa vitória a Deus, meu orientador e suporte em todos os momentos, à minha família que sempre me apoiou na busca de meus sonhos e aos meus amigos que colaboraram direta ou indiretamente para a conclusão desse curso.

RESUMO

O objetivo principal desta pesquisa, de caráter bibliográfico, é analisar os conceitos psicanalíticos que possibilitem a resignificação dos laços afetivos do corpo docente e coordenador pedagógico. As teorias da psicanálise ajudam o professor na escuta ao que o aluno traz, evitando julgamento moral, bem como permite um conhecimento de si próprio mais a fundo e reflexão sobre a prática docente. O coordenador pedagógico é o principal mediador de situações-problema. No desenvolvimento do trabalho, poderão ser apreciados as influências da psicanálise na educação, o papel do coordenador e a sua interação com a psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise; Educação; Ensino – aprendizagem.

SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	8
Justificativa	11
Contexto da Pesquisa	12
Problema	12
Objetivo.....	12
Objetivos específicos	12
Capítulo I- Referencial teórico	13
1.1 A Psicanálise e a Educação.....	13
1.2 O coordenador Pedagógico e a Psicanálise	20
Capítulo II – Metodologia	29
Capítulo III – Coleta de Dados	30
Considerações Finais	31
Referências Bibliográficas	34

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a importância da psicanálise para a educação e, mostra a partir de pesquisas teóricas, as possibilidades de implicações da teoria psicanalítica para a prática educacional. Desta forma, o objetivo geral que a direciona consiste na reflexão dos conceitos psicanalíticos que possibilitam a resignificação dos laços afetivos do corpo docente e coordenador pedagógico. Do objetivo geral, ramificaram-se outros mais específicos que possibilitaram uma melhor compreensão do tema. Dentre eles, pode-se citar: a análise da possibilidade do olhar da psicanálise nas coordenações pedagógicas, a reflexão sobre as contribuições quanto à educação e a compreensão do papel do coordenador diante da rotina escolar.

Sabemos que, atualmente, inúmeras famílias têm transferido funções importantes, como ensinar valores, transmitir a ética, a moral, as boas regras de convivência para a escola, sendo que, na verdade, esta tarefa deveria ser uma parceria entre ambas. E o que torna essa situação pior é o fato de esses familiares não aceitarem, por muitas vezes, uma ação educativa por parte da escola.

A psicanálise trouxe novas formas de ver o ser humano, a cultura e o mundo. Enquanto educadores, podemos entender melhor como se processa em nossos alunos o desenvolvimento mental e emocional, através das reflexões psicanalíticas. As maiores contribuições da psicanálise, para a educação em geral, se dão mediante estudos do funcionamento psíquico e dos processos mentais, com repercussões para aprendizagem, do estudo dos vários tipos de pensamento através dos processos de identificação e dos processos de transferência que ocorrem na relação professor x aluno.

A escola tem o importante papel de proporcionar aos seus educandos o desenvolvimento de todas as suas dimensões, oferecendo a essas crianças a oportunidade de buscar alternativas por si próprios, despertando assim o prazer por aprender por meio desta autonomia.

À primeira vista, assim como a relação de professor e aluno parece fácil, a rotina pedagógica se resume a um bom método de ensino, um planejamento adequado dos conteúdos e aulas e certo conhecimento das capacidades de

aprendizagens de seus alunos. Entretanto, sabemos que isso é só aparência, pois até mesmo essas questões objetivas enfrentam problemas e, se levarmos em consideração a psicanálise veremos que isso é o que menos conta no ato de educar. Os ensinamentos psicanalíticos nos fazem compreender um pouco mais o complexo mundo subjetivo oculto no interior não só no do aluno, mas no de todos os participantes da educação.

O professor que é devidamente orientado, acompanhado nas suas angústias, dúvidas e conflitos internos ou em sala de aula, na sua rotina escolar, por seu coordenador pedagógico, tem maiores chances de obter sucesso nas suas relações educacionais e até mesmo pessoais. O coordenador deve ter como objetivo, a respeito da psicanálise, compreender melhor a importância da dimensão subjetiva do professor, incentivando-o sempre ir além de ministrar uma boa aula.

O processo de ensino aprendizagem não se resume a aspectos técnicos - metodológicos, ao contrário, é muito mais humano que técnico. O caminho psicanalítico abre meios diferentes e proveitosos para os professores lidarem no dia a dia. Até a legislação educacional prevê que uma das tarefas da educação escolar é contribuir para a formação de personalidade da pessoa. Mas sob o ponto de vista da psicanálise, os alicerces do caráter são firmados bem antes da criança ir para a escola pela primeira vez, para além do que se preconiza legalmente:

Art.32º. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

IV – o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Art.35º. O ensino médio, etapa final da educação básica, com duração mínima de três anos, terá como finalidades:

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, P. 12; 14).

Desta forma, pode-se compreender a educação como um processo subjetivo, no qual todos os atores precisam se relacionar de forma dinâmica e integrada e o coordenador como agente catalisador dessa relação, facilitando os processos e mediando as ações educativas.

JUSTIFICATIVA

Sabe-se que a função do pedagogo vai muito além de ensinar às crianças modos de socialização e conteúdos, pois é, também, responsável pela formação inicial de cada aluno, na qual as marcas simbólicas ganham expressiva importância. Sendo assim, a formação continuada ganha importância na rotina profissional desses educadores, para cotidianamente somarem ao seu currículo subsídios que os levem a reflexões acerca de sua práxis.

O coordenador pedagógico, deste modo, é um dos mediadores no processo de construção dos saberes que somam ao professor competências e habilidades a serem aplicadas em sala de aula, intensificando o processo de ensino-aprendizagem. Cabe a esse profissional auxiliar a sua equipe em temas geradores (questões, necessidades, contradições, desejos, etc.), desenvolver a sensibilidade para com o outro, investigar a realidade em que o grupo se encontra para fazer intervenções assertivas, subsidiar, acompanhar e promover a formação continuada, bem como intermediar a troca entre os pares. Este, portanto, é essencial para o processo de aprendizagem, formação e crescimento de cada professor. Cabe a ele acompanhar os educadores nessa constante busca de entender a si mesmo, bem como sua prática pedagógica a cada dia e a cada vivência com as crianças. Os laços afetivos entre o professor e o aluno, favorecem o momento da aprendizagem de conteúdos. Pode-se, também, arriscar em dizer que o bom relacionamento do coordenador da escola com sua equipe, gera um ambiente de trabalho prazeroso e de muita troca de experiências, dando ânimo nas etapas a serem vencidas durante o ano.

A duração da pesquisa foi de quatro meses a contar de setembro do ano de 2015, em uma escola onde atuam 38 professores do 1º ao 5º ano, sem previsão de custos financeiros.

CONTEXTO DA PESQUISA

A intenção é abordar conceitos relevantes da psicanálise para o desenvolvimento do trabalho do coordenador pedagógico, ressaltando a importância dos laços afetivos entre essas partes, permitindo assim uma parceria em prol do crescimento pessoal e pedagógico da escola como um todo.

PROBLEMA

Atuo como coordenadora em uma escola de Brazlândia, com um grupo de 38 educadores, sendo responsável mais diretamente do grupo de professores de 1º ao 3º ano. Observa-se uma resistência da equipe em momentos de formação continuada, ou de simples conversas a respeito de experiências diárias. O tempo de coordenação é relativamente gasto com montagens de atividades e formas de repassar os conteúdos previstos.

As condições de atuação do coordenador pedagógico são limitadas, deixando a desejar a sua participação na formação continuada do educador, sendo esses momentos privilegiados de crescimento para esses profissionais.

Então, de que forma a psicanálise pode contribuir para o pensar do vínculo afetivo do coordenador pedagógico e os professores?

OBJETIVO GERAL

Analisar os conceitos psicanalíticos que possibilitem a ressignificação dos laços afetivos do corpo docente e coordenador pedagógico.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Refletir sobre a possível contribuição das concepções psicanalíticas, na rotina da escola.

CAPÍTULO I

REFERENCIAL TEÓRICO

"Nenhuma das aplicações da psicanálise excitou tanto interesse e despertou tantas esperanças (...) quanto seu emprego na teoria e na prática da educação".

(Freud, 1925).

1.1 A Psicanálise e a Educação

A psicanálise é uma prática, que tem como área de interesse a mente humana e que, de modo geral, estuda a psique do homem, ou seja, a capacidade que temos de expressar, em especial, as emoções. Atualmente no Brasil, estudos sobre a relação entre a psicanálise e a educação têm sido uma prática entre pesquisadores, uma questão desenvolvida desde a obra de Freud.

O início do século XX foi marcado por transformações sociais, culturais e políticas que promoveram o desenvolvimento do país. Após o fim da I Guerra Mundial, com o crescimento da industrialização, houve, principalmente, pelos europeus, uma importação de novos modelos e ideias. Essas mudanças junto a um desejo de entender a realidade nacional, viabilizaram a implantação das teorias psicanalíticas no Brasil.

Frente às diversas transformações que estavam ocorrendo na época, o sistema educacional também sofreu alterações, nas quais a escola tradicional seria substituída aos poucos pela Escola Nova. Entre os reformadores, denominação utilizada por ROMANELLI de acordo com ABRÃO (2006)... “a nova política educacional partia do princípio de que a escola deveria atuar como um instrumento para edificação da sociedade através da valorização das qualidades pessoais de cada indivíduo”. Por isso passaram a considerar a criança enquanto um ser em desenvolvimento, diferenciada do adulto e com uma lógica de pensamento próprio, surgindo a necessidade de compreender suas características para melhor gerir sua educação. A partir disso ocorre a introdução da psicologia no meio educacional, fornecendo os meios

necessários para que a escola renovada investigue melhor as características infantis e seja um lugar capaz de realizar plenamente os atributos de cada indivíduo.

É neste momento que a psicanálise encontrou espaço para se difundir dentro da educação, segundo ABRÃO (2006), vindo para analisar "... tanto na compreensão do desenvolvimento emocional da criança, quanto na resolução das dificuldades escolares que impedem a expressão de suas potencialidades individuais".

Dentre algumas diferenças, na maneira como a psicanálise era utilizada no sistema educacional, entre a primeira metade do século XX e a atualidade, deixou de ser vista apenas como instrumento prático destinado a promover o ajustamento do aluno na escola para ser um recurso na compreensão da subjetividade da criança.

Agora, percebe-se a importância do aspecto relacional entre aluno e professor e passou-se "... a contemplar a noção de infantil enquanto uma categoria inconsciente, atemporal e presente, tanto na criança como no adulto e a sustentar uma prática que busque a formação integral do professor que detenha conhecimento teórico de psicanálise e experiências pessoais que permitam aproximá-lo de suas vivências inconscientes, de suas experiências infantis recalçadas". Assim o aluno poderá ser melhor compreendido pelo professor, que passa a atuar como um mediador no processo ensino-aprendizagem". (ABRÃO, 2006)

Pensar numa conexão entre psicanálise e educação provoca uma série de ideias e uma reflexão se isso realmente é possível, mesmo porque os dois campos são diferentes entre si, sendo o objeto principal da psicanálise o inconsciente e o funcionamento do aparelho psíquico, enquanto o da educação é o conhecimento. O psicanalista é o analista e o professor, o educador.

Entretanto, a educação não é uma propriedade individual, mas essencialmente pertence à comunidade e participa na vida e no crescimento

da sociedade. Ao reconhecer a educação como um discurso social, a psicanálise se põe a dialogar com ela nas escolas.

Como afirma KUPFER (2001):

O saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal como ele é entendido pela psicanálise: como transmissão de demanda social, além do desejo, como transmissão de marcas.

Ensinar é imprimir marcas simbólicas para que o Outro possa se constituir como sujeito. O infantil na psicanálise ultrapassa nos seus limites a criança escolar, pois para Freud (1996) a criança é um sujeito que tem um inconsciente, não podendo ser pensada como alguém cuja construção se inicia no nascimento, mas sim bem antes da vida intra-uterina.

KUPFER (2001) afirma que quando um educador educa levando em conta o sujeito, poderá estar norteado, também, pela ideia de que, embora seu aluno esteja marcado e determinado por inscrições primordiais, que darão sempre o norte de seu percurso pelo mundo, e sobre os quais não pode nada saber, nada de sua aprendizagem será predeterminada. Neste sentido, para MRECH (2005);

Um saber que não é tecido a partir do lugar do mestre, mas do saber inconsciente, um saber descentrado que conduz o sujeito, antes de ser conduzido por ele. (P.27)

Para que o professor faça uso dos conceitos psicanalíticos, o primeiro passo é rever sua postura ética e como utilizará esses conceitos em sua prática educativa. A cada dia a psicanálise tem ganhado espaço na área educacional, constituindo-se como um conhecimento novo. Uma das maiores contribuições da psicanálise para a educação, sem dúvida, terá sido, ao nível da análise da situação pedagógica, permitir uma nova abordagem da relação entre professor e aluno.

A tarefa de educar sob a ótica da psicanálise e da educação pode ser entendida como a de ponte, tornando o conhecimento o mais sedutor possível, apostando numa educação que precisa se desconstruir para construir. A educação é apenas o caminho, não a chegada. É um encontro com as diferenças, não com as semelhanças, é onde a linguagem sustenta os sujeitos desejantes nas figuras do educador e do educando, onde as contradições e antíteses permeiam toda relação de amor e ódio, real e simbólico, ideal e único, desejo e medo do saber, boa e má qualidade de educação, soluções e problemas de aprendizagem, psicanálise e educação.

Sabe-se que a psicanálise não pode fazer o papel da educação e não pode ser considerada a salvação para todos os problemas educacionais, mas pode-se acreditar, com seu auxílio, no maior conhecimento do funcionamento mental e inconsciente dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Sob este ponto de vista, as questões inconscientes que permeiam a relação triangular professor / aluno / objeto de conhecimento remetem ao campo transferencial. É por efeito da transferência que o aluno se identifica ao professor, fator essencial para que haja aprendizagem. Ainda sob a influência da teoria psicanalítica, esse educador poderá tomar consciência de seu papel e da importância da transferência na relação e adotar uma postura reflexiva quanto ao exercício de sua função de educar. Ao professor caberia o lugar de poder onde atuará como mediador entre o aluno e o conhecimento. (SARMENTO, 2006)

A psicanálise contribuiu para a entrada no campo da Pedagogia, de novos elementos de reflexão acerca dos processos educativos, a importância dos mecanismos da identificação projetiva no quadro da aprendizagem e da relação educativa, e a identificação das angústias e medos presentes nessa relação. A abordagem psicanalítica aumentou o interesse pela investigação do desenvolvimento em geral e, principalmente, do desenvolvimento infantil, bem como contribuiu para um maior conhecimento dos processos psico-afetivos e de pensamento. O estudo e compreensão do papel das pulsões, desejos, motivações e intenções foram contribuições significativas desses investigadores. Qualquer abordagem do desenvolvimento psicológico é

inseparável de alguns nomes, como: Freud, Anna Freud, Melanie Klein, René Spiutz e Donald Winnicott. O foco em comum entre eles era a preocupação com uma compreensão global do desenvolvimento, a busca da totalidade e do sentido individual, a valorização das experiências subjetivas, a necessidade do estabelecimento de relações e a importância das experiências intersubjetivas.

A reflexão psicanalítica aplicada ao domínio pedagógico permitiu reconhecer a enorme diversidade de fatores envolvidos na aprendizagem. Uma das principais contribuições desses novos conceitos permeando a educação, adveio do relevo dado aos aspectos inconscientes da relação educativa. Contribuições da perspectiva psicanalítica têm incentivado a uma compreensão e colaboração transdisciplinares na abordagem das questões que se referem à aprendizagem.

De acordo com a citação de FRANCO e ALBUQUERQUE, FIELD (1989) sintetiza esta perspectiva ao mostrar que o que a Psicanálise oferece ao educador é, afinal, uma verdade e não a verdade acerca da aprendizagem humana. É, todavia, uma verdade fundamental, sem a qual o trabalho do educador é vulnerável a ser minado por forças poderosas que se exercem nas e entre pessoas.

Ainda se remete a SALZBERGER-WITTENBERG (SALZBERGER-WITTENBERG, HENRY & OSBORN, 1990) onde põs em evidência a importância dos aspectos emocionais implicados na situação de aprendizagem, mostrando como há uma ligação estreita entre a aprendizagem e o sofrimento mental. Soluções fáceis para evitar a dor mental podem conduzir ao enfraquecimento da capacidade de aprender. Daí a importância da receptividade e abertura para aprender a partir dos sentimentos projetados em nós.

Não há pretensão de sanar faltas ou curar neuroses com a junção da psicanálise com a educação, mas sim possibilitar aos professores e profissionais da educação, o enriquecimento de suas reflexões sobre a prática pedagógica assumida.

Como afirma CHAUVET (2008), na relação escolar, de ensino-aprendizagem, além de respeitarmos a singularidade de cada aluno, é importante considerar que o mestre também imprime marcas nos estudantes, a partir do modo como atua pedagogicamente.

Uma das maiores contribuições da psicanálise para a educação, sem dúvida, terá sido, ao nível da análise da situação pedagógica, permitir uma nova abordagem, da relação entre aluno e professor. Essa relação é algo preocupante na rotina escolar, e à luz da psicanálise podemos perceber um pouco a importância dessa relação, na vida de uma criança nos seus primeiros anos de vida, considerando os processos inconscientes presentes pela via da transferência. A palavra transferência nos faz lembrar de deslocamento, de trocas, mudanças e, é nesse sentido, que essa relação transferencial interfere no processo ensino-aprendizagem.

KUPFER (1989) afirma que na relação em sala de aula, entre um professor e seu aluno, pode se manifestar um fenômeno ocorrido na psicoterapia, entre um indivíduo e seu terapeuta, onde afetos e sentimentos do paciente, herdados da relação estabelecida em sua infância, com seus pais, se dirigem à figura do analista, dificultando e tornando-se uma barreira para a análise. A esse mecanismo, dá-se o nome de transferência.

Na visão psicanalítica de Freud, aprender supõe a presença de um professor, o qual será colocado numa determinada posição, que pode ou não propiciar a aprendizagem. Freud nos mostra que um professor pode ser ouvido quando está revestido por seu aluno de uma importância especial. Portanto, para Freud, a importância não está nos conteúdos a serem ministrados pelo professor, mas sim no campo que se estabelece entre o mesmo e seu aluno, campo este que estabelece as condições para o aprendizado, sejam quais forem os conteúdos. (KUPFER, 1989)

Para KUPFER (1989), o contexto do âmbito escolar, onde se dá a relação professor-aluno e desenvolve-se um meio propício ao surgimento dos fenômenos transferenciais, não difere em sua estrutura de dominação do ambiente familiar. Na sala de aula, a posição ocupada pelo professor nos remete a relação de subordinação dos filhos aos pais, em casa. O professor,

aquele que tudo sabe, detém o poder e o comando da situação, ocupa uma posição de superioridade em relação ao seu aluno, mero receptor passivo de conhecimento. Em outras palavras, os indivíduos revivem sentimentos inconscientes de relações significativas passadas, dentro de uma nova relação, com outra pessoa. Já que a relação pedagógica subentende uma relação humana, entre seres iguais, os conflitos trazidos por ambas as partes envolvidas, são um vasto campo de pesquisa das implicações advindas desse fato.

De tal forma que, para Freud (1996), a relação entre professor e aluno é permeada por sentimentos contraditórios, conflitantes e ambivalentes, e que esta configuração ameaça o sucesso escolar do aluno e dificulta o trabalho do professor. A respeito da fonte de sentimentos desse tipo, Freud refere-se à qualidade das relações firmadas pela criança com as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto, nos primeiros seis anos de vida, principalmente, os pais.

É fato que a educação, mesmo com todos os avanços dos últimos anos, ainda está em crise. Percebe-se, então, que, para que essa realidade se transforme, faz-se necessário uma parceria entre família e escola, levando-se em consideração tanto os aspectos físicos e intelectuais, como os morais e emocionais do educando, pois a tarefa de educar é árdua.

Neste contexto, aparece a figura do coordenador pedagógico como um agente articulador, formador e transformador das instituições escolares, capaz de muito acrescentar nesse cenário.

1.2 O coordenador pedagógico e a psicanálise

Para que as teorias de Freud e os estudos da psicanálise se tornem importantes na vida do professor e ganhem espaço no ambiente escolar, cabe ao coordenador pedagógico, colaborar para tal conhecimento chegar à realidade da sua equipe, levando aos professores uma nova visão de relacionamento, metodologia e mundo, ampliando assim a formação continuada de cada um deles.

A psicanálise e a formação continuada do educador são caminhos que fazem parte da vivência da escola, com o educando e com as famílias. É preciso estabelecer relações e o educador precisa estar preparado para mediar parte da trajetória da criança.

Em consonância com os novos pressupostos que permeiam a ação educativa na atualidade, o coordenador pedagógico evoca como termos mais ligados à sua função o apoio, o acompanhamento e a colaboração (MACHADO e ARRIBAS, 2011). As discussões acerca do saber-fazer do coordenador pedagógico giram em torno de muitas questões distintas, mas às vezes pouco definidas: supervisão, relação, comunicação, inspeção, construção, formação, autoridade, orientação, entre outras.

Ao meio dos interesses técnicos, sociais e políticos que reagem a nossa sociedade, a função do coordenador pedagógico parece, muitas vezes, contraditória, marcada pela falta de formação adequada, disputa pelo poder e, conseqüentemente, falta de identidade e fragilização profissional.

Para que o coordenador atinja aos seus objetivos, o primeiro passo é ter ciência do seu papel na rotina escolar. Sabemos que a educação deve ser vista como um processo de criação e inovação, tornando um ambiente de produção, interação e de transformação do saber sistematizado às práticas desenvolvidas na escola, e para que isso aconteça, faz-se necessário que o corpo que compõe uma instituição de ensino, principalmente, o coordenador pedagógico, aprimore seus conhecimentos constantemente, na busca de novas ideias.

Art. 120. São atribuições do Coordenador Pedagógico:

- I. elaborar, anualmente, Plano de Ação das atividades de Coordenação Pedagógica na unidade escolar;
- II. participar da elaboração, da implementação, do acompanhamento e da avaliação do Projeto Político Pedagógico - PPP da unidade escolar;
- III. orientar e coordenar a participação docente nas fases de elaboração, de execução, de implementação e de avaliação da Organização Curricular;
- IV. articular ações pedagógicas entre os diversos segmentos da unidade escolar e a Coordenação Regional de Ensino, assegurando o fluxo de informações e o exercício da gestão democrática;
- V. divulgar e incentivar a participação dos professores em todas as ações pedagógicas promovidas pela SEEDF;
- VI. estimular, orientar e acompanhar o trabalho docente na implementação do Currículo da Educação Básica e das Orientações Pedagógicas da SEEDF, por meio de pesquisas, de estudos individuais e em equipe, e de oficinas pedagógicas locais, assegurando a Coordenação Pedagógica como espaço de formação continuada;
- VII. divulgar, estimular e apoiar o uso de recursos tecnológicos no âmbito da unidade escolar;
- VIII. colaborar com os processos de avaliação institucional, articulando os três níveis de avaliação, com vistas à melhoria do processo de ensino e aprendizagem e recuperação dos rendimentos/ desempenho escolar (REGIMENTO ESCOLAR DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DO DISTRITO FEDERAL, 2015, p.49).

Sendo assim, o coordenador pedagógico é visto como um profissional que gerencia, articula e incentiva a participação de todos da sua equipe, cabendo a ele o desafio de construir um espaço de respeito, tolerância, compromisso, responsabilidade e aprendizagem.

[...]profissional que necessita estar lado a lado com o professor, assessorando, subsidiando, acompanhando, incentivando, desafiando, provocando para que a prática pedagógica seja repensada, avaliada, revisada e readequada. [...] Portanto, faz se necessário que o coordenador pedagógico seja um eterno pesquisador, um profissional atualizado, competente, um estudioso por que ele é um elemento chave para o processo de aprendizagem ao lado do professor (SOUZA, 2002, p.29)

Segundo SOUZA (2002), esses momentos de estudo direcionado pela coordenação pedagógica devem oportunizar aos professores ocasiões de reflexão sobre seus afazeres e uma auto - avaliação sobre o papel de cada educador na rotina escolar, especialmente, em sala de aula, levando em conta o desenvolvimento de cada aluno nos aspectos cognitivos, sociais, culturais e éticos.

Para (VASCONCELOS, 2002, p.83)

As reuniões pedagógicas semanais são espaços privilegiados para a orientação acompanhar o trabalho dos docentes, observar suas participações e ter elementos mais concretos para dialogar (na própria reunião ou em momento mais oportuno).

Para que o coordenador tenha sucesso em seu trabalho, ele precisa conhecer os anseios de sua equipe, refletir sobre sua prática e ser agente possuidor de conhecimentos e competências, para que em tempo oportuno, coletiva ou individualmente, consiga fazer as intervenções e aprimoramento do grupo.

Em uma sociedade moderna é imprescindível a formação continuada do professor, já que este profissional precisa estar em constante aprendizado, renovando seus saberes e competências. Auxiliar na qualificação profissional do professor é uma das atribuições importantes do coordenador pedagógico, ou seja, aproveitar bem os horários de coordenação destinados ao estudo coletivo é exercer o “ofício de coordenar para educar”, possibilitando troca de

experiências e aprendizagem entre os membros de uma equipe. A aprendizagem é um processo de construção e o tempo destinado às atividades, sejam elas coletivas ou não, direcionadas pelo coordenador pedagógico, precisam acontecer levando todos os que participam a uma reflexão sobre a rotina da escola de atuação.

De acordo com ROSA (2004, p.142-144) a formação continuada dos professores na escola é de responsabilidade do coordenador pedagógico, buscando sempre deixar o corpo docente atualizado, com reflexão constante sobre o currículo, atualizando as práticas pedagógicas, estando, também, sempre atento às mudanças que vão aparecendo no campo educacional.

Em sua função “mediadora”, “articuladora”, “catalisadora” e como “elemento agregador” torna o coordenador pedagógico um construtor de sentidos voltados para as situações educativas. Em sua ação formadora docente, demonstra a sua personalidade, expõe suas ideias, saberes, leituras e conhecimentos no decorrer das atividades desenvolvidas nos encontros de horário complementar. O coordenador pedagógico é um “artesão” reconstruindo permanentemente seus saberes, nas relações travadas entre os demais membros da comunidade escolar (CHARLOT, 2005, p. 22).

Os horários destinados à coordenação pedagógica não podem ser mecânicos e centralizadores, deixando de lado as questões contextuais que inquietam professores, alunos e comunidade; pelo contrário, deve ser garantido o espaço do diálogo, buscando atender as perspectivas da comunidade na luta por uma educação de qualidade, tendo como objetivo a superação de obstáculos que impedem as ações coletivas.

De acordo com SANTOS E LIMA (2007), o tempo de construção não é um tempo só formal, despido de conteúdo, mas um tempo qualificado e qualificador porque se pretende um tempo construtor da criação, já que o trabalho pedagógico não é reconhecido somente pelo seu aspecto técnico, mas também criativo, cognitivo, afetivo, etc.

Sabemos que a reflexão é um dos principais ingredientes de uma coordenação pedagógica válida e construtiva. Assim sendo, a reflexão é um

esforço de ampliação e aprofundamento do conhecimento. É importante que quem ocupe um cargo de gestão tome a iniciativa de abrir mão do posicionamento predominantemente autocrático para possibilitar o desenvolvimento de um ambiente em que todos contribuam com ideias, críticas, encaminhamentos, bem como sugerir em benefício do coletivo e rever posicionamentos.

De acordo com ORSOLON (2006), o coordenador é o agente de transformação no cotidiano escolar, o responsável pela construção e reconstrução da ação pedagógica, com vistas à construção e articulação coletiva do Projeto Político Pedagógico.

Para ORSOLON (2006, p. 20),

O coordenador pode ser um dos agentes de mudança das práticas dos professores mediante as articulações que realiza entre estes, num movimento de interações permeadas por valores, convicções, atitudes; e por meio de suas articulações O coordenador pedagógico e sua identidade profissional 45 internas, que sua ação desencadeia nos professores, ao mobilizar suas dimensões políticas, humano - interacionais e técnicas, reveladas em sua prática.

Já para FONSECA (2001),

Ser um instrumento de transformação da realidade, resgatar potência da coletividade, gerar pela esperança, gerar solidariedade e parceria, ser um canal de participação efetiva superando as práticas autoritárias e/ou individualista ajudando a superar as imposições ou disputas de vontades individuais, na medida em que há um referencial construído e assumido coletivamente. Aumentar o grau de realização, e portanto, de satisfação de trabalho. Colaborar na formação dos participantes.

Outra função do coordenador pedagógico é o de administrar conflitos e sabemos que isso não é nada fácil. A melhor forma de amenizar essas situações é incentivando o respeito e a consciência de que para haver formação continuada ou o desenvolvimento de qualquer que seja o trabalho em questão, se dá e só tem sentido com a contribuição do outro. O individualismo faz a escola, em geral, sofrer. O ato educativo não acontece somente numa mão, isto é, do professor que ensina para o aluno que aprende, também é resultante da ação entre ambos e, de forma mais sistematizada da interação do professor com outros professores e pares. (SANTOS E LIMA, 2007).

É, exatamente, nesse ponto que penso sobre o “estar preparado” para ser um coordenador pedagógico e que nesta pesquisa busco encontrar subsídios para justificar a importância da psicanálise na rotina desse profissional da educação. Sabemos que uma relação bem construída entre o professor e o coordenador faz toda a diferença no ato educativo. O ato educativo não é constituído apenas por processos cognitivos, mas se estrutura, também, em bases afetivas. Assim sendo, a relação humana está implícita na relação pedagógica, fazendo-nos acreditar que o saber-ser constitui o saber-fazer.

Este se faz real na interação dos seus sujeitos, e isso só é possível quando há o reconhecimento do outro, das limitações, necessidades e de seus desejos. Segundo BASTOS e ORNELAS (2011) citado por MAGALHÃES (2011) a partir do “estágio do espelho”, que é uma experiência de identificação que se inicia especialmente quando a criança faz a conquista da imagem do seu próprio corpo (...) percebendo este como estruturação do seu “EU”. Isso nos faz refletir que a imagem que o sujeito constrói sobre algo, se dá, inicialmente, pela constituição da imagem de si. O ato educativo pode ser pensado a partir dessa visão.

Porém,

como sujeitos constituídos pelas relações de mediação que estabelecemos com o mundo a nossa volta, somos seres únicos, situados, e, portanto com um jeito próprio de ser em todas as

instâncias em que atuamos. Assim, um espaço de desenvolvimento e aprendizagem efetivos só existe de fato quando se contemplam as divergências. Afinal é o pensamento divergente que propicia avanços no campo do conhecimento, enquanto a convergência tenta manter as coisas como estão (SOUZA, 2007, p. 33; citado por MAGALHÃES, 2011).

Para explicar isso, parte-se do conceito de afeto da Psicanálise, pois segundo ORNELLAS (2010, p. 18), “aspectos afetivos constituem-se de processos subjetivos (...) e é possível que a psicanálise possa contribuir com a discussão da subjetividade na educação”. FREUD (1976, p. 124, citado por MAGALHÃES, 2011) define o afeto como: “um dos estados emocionais, cujo conjunto constitui a gama de todos os sentimentos humanos, do mais agradável ao mais insuportável”. Logo, o afeto não é algo romantizado, ele se constitui na ambivalência entre o prazer e o desprazer, por isso, LACAN (1978) o denominou de “amódio”. Segundo o autor, o afeto representa duas dimensões opostas: o amor e o ódio, sentimentos nos quais o sujeito se vê, muitas vezes, capturado entre a transferência positiva e/ou negativa. Essa maneira ambivalente de conceituar afeto, sem dúvida, representa um avanço no conhecimento sobre a temática, na medida em que desnuda a ideia de que o afeto encontra-se ancorado apenas nas situações ditas prazerosas. No entanto, ao mesmo tempo, faz-se necessário transpor o nível de constatação, seja do que se passa no cotidiano da sala de aula, seja do que ocorre no imaginário do professor e do aluno (ORNELLAS, 2010, p. 24; citado por MAGALHÃES, 2011). Por isso, a relação entre coordenador pedagógico e professor só será fortalecida à medida em que ambos perceberem que o todo é constituído por partes, e que mesmo assim o todo sempre estará incompleto.

É bem verdade que a psicanálise abre um novo olhar sobre o educando, um ser que tem subjetividade e desejo que muitas vezes é incompreendido em suas manifestações. O professor por vezes, também, demonstra essas carências, sendo recomendável o coordenador pedagógico estar embasado e preparado para lidar com a situação. Mesmo em lugares

mais prestigiados, ser professor nunca foi uma tarefa fácil. Cabe ao coordenador, motivar sua equipe, já que isso interfere positivamente e pontualmente no processo de ensino-aprendizagem, como também no prazer pelo trabalho.

Para LUCK (2002 p. 46), a motivação é a chave que abre a porta para o desempenho com qualidade em qualquer situação, tanto no trabalho como em atividades de lazer e também em atividades pessoais e sociais. Esta valorização é uma tarefa que demanda percepção observação e comunicação para o sujeito conseguir enxergar no outro sua essência enquanto ser humano, não se balizando somente nas competências que o professor apresenta.

O coordenador pedagógico parte de uma gestão educacional como norteador e líder do trabalho docente. Tem como um dos seus papéis e competências motivar a sua equipe de professores. É fato que isso não é nada fácil, pois quem vai motivá-lo primeiro? Por isso, esse pedagogo destinado a essa função pode ter a psicanálise como sua aliada. Várias pesquisas, além da realidade que estamos vivendo atualmente, que é o descaso total dos líderes do nosso país pela educação, apontam que essa profissão sofre declínio de moral todos os dias, mostrando que vários fatores interagem para que seu trabalho não seja satisfatório. Sendo assim, é importante que o coordenador da equipe docente busque meios de trazer esses professores para momentos de reflexões sobre suas práticas pedagógicas, bem como o conhecimento de si mesmo, entendendo ser esta uma profissão tão difícil.

A figura do coordenador é peça fundamental dentro do ambiente escolar e um forte elo entre direção, professor, alunos e pais/responsáveis. Acredita-se que este deva favorecer a construção de um ambiente democrático, participativo e principalmente motivador dentro da comunidade escolar. As relações interpessoais também merecem cuidados e permeiam a prática do coordenador, que precisa articular as situações escolares e familiares, sabendo falar, ouvir e olhar a todos que buscam a sua atenção. Para que isso seja possível, é válido um profissional que vai além de suas

funções e está sempre atento às questões de relacionamentos, buscando interação entre todos dentro do espaço escolar.

Para favorecer um ambiente de qualidade faz-se necessário uma busca pela integração de todos que participam da rotina escolar, mantendo as relações interpessoais de forma saudável, incentivando o desenvolvimento de habilidades para saber conduzir as diferenças, favorecendo assim um ambiente de qualidade. Mesmo com tantas missões que o coordenador têm, indiscutivelmente ele precisa ser visto com um sujeito com defeitos e qualidades. Cada sujeito é dotado de inconsciente, que interfere e determina parte daquilo que vive. Ou seja, apesar da finalidade explícita da escola, da gestão ou de cada função, cada pessoa carrega em si, desejos e conflitos que constituem aspectos determinantes de suas convicções e por consequência suas atitudes.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Para responder e refletir sobre as questões apontadas neste trabalho, foi utilizado como método a pesquisa bibliográfica e, dentro dela, como instrumento de coleta de dados, a revisão da literatura. Esta é uma abordagem qualitativa, preocupando-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, ou seja, não representa dados numéricos.

A pesquisa bibliográfica visa explicar um problema a partir de publicações documentais. Para isso, busca-se conhecer e analisar as contribuições científicas anteriores sobre o tema ou problema da pesquisa, a uma pergunta que se quer responder ou hipótese a experimentar (CERVOE E BERVAIN apud RAUPP, BEUREN, 2009).

O material consultado abrange publicações sobre o tema estudado, retirado das mais variadas fontes, tais como: dissertações, monografias, artigos científicos e livros. Após a seleção e leitura do material encontrado é feita uma reflexão e uma análise, atribuindo-lhes uma nova leitura.

Esta pesquisa será feita por meio da análise de escritos que tratam de estudos sobre a influência da psicanálise à educação, bem como as interações entre o coordenador pedagógico e esses conceitos.

CAPÍTULO III

COLETA DE DADOS

Realizou-se a coleta de dados bibliográficos, mesclando as ideias defendidas por mim, juntamente com aquelas inerentes a autores diversos, dando-me a oportunidade de concordar, refletir e até discordar com os posicionados firmados diante do problema em questão.

De acordo com SILVA (2008) citado por DUARTE, algumas medidas devem ser tomadas ao fazer uso da coleta bibliográfica, levando-se em conta alguns aspectos, tais como: produzir o trabalho a partir do maior número possível de material bibliográfico publicado; procurar se ater somente àqueles trabalhos que dizem respeito ao tema por você explorado, ou seja, compartilhar com ideias que realmente sejam pertinentes; ampliar a pesquisa, fazendo uso não somente de livros técnico-científicos, mas recorrer também a outras fontes e utilizar somente de materiais de primeira mão, de modo a evitar o uso do *apud*, o qual equivale a “citado por”, conseqüentemente revelando um material de segunda mão. Dessa forma, podemos afirmar que essa modalidade de coleta, pode ser obtida de fontes distintas, como já citadas acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da reflexão feita pela realização deste trabalho, percebe-se que a psicanálise é forte aliada da educação, se o professor agregá-la à sua formação. Os conceitos psicanalíticos relevantes para a prática do professor mostram o quanto um aluno pode crescer e obter sucesso na vida acadêmica e pessoal, quando o seu educador busca refletir a sua prática pedagógica. Assim, a contribuição da psicanálise à educação é possibilitar ao professor reconhecer-se e analisar sua prática pedagógica, bem como a estruturação de um campo de referenciais mediante o qual o professor pode elaborar hipóteses a respeito de si mesmo e de seus alunos.

Para KUPFER (1989), a psicanálise não traz, de fato, contribuição alguma ao campo dos métodos pedagógicos, se tomarmos o conceito de método no sentido estrito, como conjunto de ações que visa regularidade, objetividade, previsão e mensuração de resultados. A psicanálise não oferece certezas, fórmulas, cartilhas de procedimentos que viabilizem ao professor ensinar de modo mais eficiente e produtivo.

A didática tenta responder de certa forma, “à busca constante do ser humano por respostas prontas e acabadas, as quais satisfaçam rapidamente sua angústia diante do saber incompleto. Busca constante completude que percebemos a todo o momento nos vários contextos, inclusive na educação.” (BENETTI). Temos então, que embora a didática traga em seu discurso a pretensão de “uma atitude teórica e prática de abordagem das questões do ensinar e ou aprender” remetendo “a um programa que busca a eficácia prática e a legitimação teórica” (PIMENTA, 2008, p.53), algo escapa desse discurso, pois não se trata apenas de uma questão de didática, vai muito mais além.

Entende-se, então, que a psicanálise encaminha o educador na direção do reconhecimento das limitações do processo pedagógico, tornando-o capaz de enxergar o seu aluno com mais clareza e compreensão. O professor que se apropria do referencial teórico da psicanálise está à frente dos demais,

pois tem em mãos um quadro de referências que fornece uma visão mais ampla sobre a vida psíquica da criança e do adolescente.

Indiscutivelmente, o professor precisa da formação pedagógica, algo que lhe proporciona a oportunidade de conhecer técnicas que o ajudam na transmissão dos conhecimentos e no desenvolvimento das habilidades previstas para a formação integral do educando, porém, isso não é o bastante para conseguir passar pelo o ano letivo sem angústias, conflitos e incertezas, tendo assim, o coordenador pedagógico o papel de levar esse profissional a uma reflexão da sua prática pedagógica, otimizando assim, as relações dentro da escola e abrindo espaço para uma aprendizagem, principalmente, mais significativa.

Considera-se, portanto, que a psicanálise possa contribuir para que a educação seja repensada, oportunizando aos educadores observar com carinho a relação sujeito X professor, sujeito X aluno, dentre outros relacionamentos da rotina.

Ao realizar este trabalho e ler sobre teorias a respeito das interações da psicanálise na função do coordenador pedagógico, pode-se perceber que a aprendizagem é resultante do desenvolvimento de aptidões e conhecimentos, bem como das transferências desses para novas situações. A aprendizagem está envolvida em múltiplos fatores e cabe ao coordenador pedagógico esforçar-se para tratar de cada um deles, juntamente com a sua equipe, motivando-os a despertar o interesse à aprendizagem de forma prazerosa. Dessa forma, cabe ao coordenador pedagógico, nesse processo de fazer com que o professor sinta-se estimulado, através de uma valorização, a fim de resgatar o desejo destes profissionais, dar-lhes a certeza de que seu trabalho está sendo reconhecido.

Para que seja possível um trabalho pedagógico de qualidade, o coordenador que tinha antes como principal função controlar, fiscalizar o trabalho dos professores, deve hoje ser visto como aliado do professor, passando-o segurança e meios diversos de realizar um bom trabalho, acolhendo-o em suas dificuldades, fazendo críticas construtivas,

comprometendo-se com a busca de soluções diante de conflitos e melhores condições de trabalho.

A realização dessa pesquisa mostrou que o coordenador pedagógico ocupa uma função significativa, pois possibilita alternativas de ações que permitam que o professor reflita sobre sua prática pedagógica. Fica, então, a sugestão de nos tornarmos mais abertos a novas descobertas e a possibilidade de um trabalho mais ameno. Está claro que a tarefa do professor não é nada fácil e muito menos a do coordenador, então por que não nos abrimos a novos saberes e soluções viáveis para os nossos problemas?

A psicanálise é mais um suporte para a busca de uma educação significativa e de qualidade subjetivamente considerada, reconhecendo o lugar e o papel do Outro, pois a educação é uma parceria. Havendo ajuda entre as partes que compõe o cenário escolar, há a esperança de avanços na educação pública brasileira, mais humanizada e solidária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **As influencias da psicanálise na educação brasileira no início do século XX**. Teor. e Pesq. v.22 n.2 Brasília maio/ago. 2006. Acesso em: 16/10/2015 às 20:10. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200013&lng=pt&nrm=isso>

BENETTI, C. C. **Direcionando um olhar para a subjetividade singular presente no processo de ensino-aprendizagem: um olhar psicanalítico**. www.anped.org.br/reunioes/24/T2019012363143.doc Acessado em [26/11/2015](http://www.anped.org.br/reunioes/24/T2019012363143.doc) às 9:15.

BUCK, Marina Bertone e SANTOS, José Wellington dos. **A transferência na sala de aula**. Revista Científica Eletrônica de Psicologia – ISSN: 1806 – 0625 – Ano VII- número 13 – novembro de 2009 – Periódicos semestrais.

CHAUVET, Márcia Barra Milhomens. **Identidade docente e suas implicações no trabalho pedagógico com adolescentes em situação de risco: uma leitura psicanalítica**, 2008.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.

COSTA, André Júlio e MOTA, Maria Veranilda Soares. **Para além da Pedagogia: O pedagogo orientado pela psicanálise**, 2015. Disponível em: www.portaleducação.com.br . Acesso em: 23/10/2015 às 21:30.

CUNHA, Marcus Vinícius da. **Freud: Psicanálise e Educação**. Professor Associado da Universidade de São Paulo, Unesp, s.a. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/140/3/01d08t01.pdf>

Educação, Tecnologia e Saúde. Disponível em: www.ipv.pt acesso em: 26.10.2015 15:10.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Coleta Bibliográfica e Coleta Documental**. Monografias Brasil Escola. Disponível em : <http://monografias.brasilecola.uol.com.br/> acesso em: 22.10.2015 12:55

FEDERAL, Distrito. **Regimento Escolar das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino**.

FRANCO, VÍTOR e ALBUQUERQUE. **Contributos da psicanálise para a educação e para a relação professor-aluno**. Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Educação para o futuro: psicanálise e educação**. 3 ed. São Paulo: Escuta, 2007. 160p.

KUPFER, M. C. **Freud e a Educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

LACAN, J. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.

LIBÂNEO, J. C.. **Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas**. Educar em revista, v.17, p.153 – 176, 2001).

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogo, para que?** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes dos. **O Coordenador Pedagógico na Educação Básica: Desafios e Perspectivas**. Educere at Educare: Revista de Educação. Paraná, V. 2, n. 4, p. 77-90, 2007.

LUCK, Heloisa. **Ação Integrada: Administração, Supervisão e Orientação Educacional**. 19ª edição. Petrópolis: 2002 Editora Vozes.

MACHADO, Laêda Bezerra; ARRIBAS, Noemi Cathia Andrade Lira de. **Coordenador Pedagógico na Escola Pública: Uma Análise à luz das representações sociais**. Educ. foco, Juiz de Fora, 2011.

MAGALHÃES, Poliana Marina Mascarenhas de Santana. A escuta do saber-fazer do coordenador pedagógico pelo professor: Um estudo em representação social. Salvador-Bahia, 2011.

OLIVEIRA, M.L. **A formação do Educador: contribuições da pesquisa psicanalítica**, 2003.

OLIVEIRA, M. L. **Por que a Psicanálise na Educação : fragmentos**. In: revista Perfil, nº IX, 1996, Departamento de Psicologia Clínica, FCL, UNESP, Assis, SP, pp.25-35.

ORNELLAS, Maria de Lourdes S. **Representação social do professor-sujeito: um estudo sobre seu endereço e adereço**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade. Salvador, v.18, nº. 32, p. 119-127, jul/dez. 2009.

ORSOLON, Luzia A. M. **O coordenador/ formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PIMENTA, S. G. (org.) **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (Org.). **O Coordenador Pedagógico e o espaço de mudança**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

PEDROZA, Regina Lucia Sucupira. **Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor**. Psic. Da Ed., São Paulo, 30, 1º sem. De 2010, PP.81-96.

RODRIGUES, Lidiane Gomes. **A importância do trabalho do coordenador pedagógico no processo de motivação do professor: professor motivado, aluno estimulado**, 2013.

ROSA, C. Gestão estratégica escolar. 2 ed. Petrópolis, Vozes, 2004.

SALZBERGER-WITTENBERG, I.; HENRY, G. & OSBORN, E. (1990). The emotional experience of learning and teaching. London: routledge.

SARMENTO, Andréa Barroso. **A influência da psicanálise na educação**, 2006. Disponível em:

<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0111.html>

SILVA, Maria Flávia Albuquerque de Alencar. **A coordenação pedagógica como espaço de formação continuada em serviço na mediação de conflitos**, 2013.

SOUZA, Fabíola Jesus de; SEIXAS, Grazielle Oliveira; Tatyane Gomes. **O coordenador pedagógico e sua identidade profissional**, 2012.

Sobre a Metodologia. Texto adaptado das seguintes fontes:

www.uefs.br/disciplinas/let318/abordagens_metodologicas.rtf

<https://books.google.com.br/books?isbn=8538600710>

http://www.unisc.br/portal/images/stories/a_unisc/estrutura_administrativa/nupes/pesquisa_qualitativa.pdf

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político – pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** 2. Ed. São Paulo: Libertad, 2002.